

**PATTE**, Marie-France (2008). *Parlons Arawak – Une langue amérindienne d'Amazonie*. L'Harmattan, Paris, 203 Pp. ISBN 978-2-296-07578-8.

A obra *Parlons Arawak, une langue amérindienne d'Amazonie* escrita por Marie-France Patte, linguista adstrita ao *Centre d'Études des Langues Indigènes d'Amérique* (CELIA) - CNRS e IRD – França, constitui um aporte aos estudos das línguas ameríndias ao propor a apresentação de uma língua amazônica em suas manifestações.

Na primeira parte do livro, *Histoire et société*, encontra-se o contexto histórico e descrições dos povos amazônicos denominados Arawak, considerados vindos da região Orinoco-Rio Negro e descendentes de grupos ameríndios das Guianas por migrações sucessivas. Segundo aponta Patte, o termo Arawak, de etnologia incerta, é provavelmente ligado ao nome de uma importante vila do baixo Orinoco, chamada *Aruacay* e mencionada pelos primeiros cronistas por sua importância comercial e estratégica (p.9). Antes da chegada dos europeus, ocupavam vastas áreas do litoral amazônico e o Caribe, que corresponde hoje ao que se chama de 5 Guianas: Francesa, Suriname, Guiana, Guiana Venezuelana e o Estado do Amapá no Brasil e as ilhas das Antilhas.

Do ponto de vista lingüístico e cultural, os Arawak das Guianas descenderam de populações ameríndias das ilhas do Caribe, dos Taínos das grandes Antilhas e dos Caraíbes das pequenas Antilhas. Mapas de localização dos Arawak são apresentados nas páginas 30, 31 e 32 nesta obra.

Aponta a autora que no final do século XIX o termo Arawak foi adotado para referenciar não somente os grupos ameríndios das Guianas, mas também para referir-se à língua e família lingüística de que fazem parte.

Na descrição histórica o texto subdivide-se em 5 seções: i) Os Arawak das Guianas; ii) Os Taínos das grandes Antilhas; iii) Os Caraíbes das pequenas Antilhas; iv) Os Arawak da costa oeste do Caribe integrados pelos Guarijós e Paraujanos; v) Documentação da língua arawak e constituição da família.

Nestas seções, além de comentários sobre cultura e organização social, são mencionados documentos históricos e as diferentes denominações utilizadas pelos missionários católicos, anglicanos e pelos Irmãos Moraves<sup>1</sup> ao se referirem às etnias da época. Tais documentações mostram as relações entre os Arawak e os Espanhóis; relações essas que passam por diferentes fases no processo de colonização.

A segunda parte da obra, intitulada *Grammaire*, está subdividida em: i) 'chaves de leitura'; ii) 'os nomes e os grupos nominais'; iii) 'o verbo'; iv) 'as posições' e v) 'formar uma frase'. Há ainda outras três seções: a) 'frases usuais'; b) 'língua e cultura' e c) 'um léxico Arawak-Francês e um léxico Francês-Arawak'.

No que a autora denomina 'chaves de leitura' é apresentado brevemente o sistema de escrita desenvolvido a partir de um seminário que reuniu um grupo de Arawak em *Cayenne*<sup>2</sup>, em setembro de 2006.

---

<sup>1</sup> Os Irmãos Moraves designam um ramo do protestantismo da Moravia, uma região da Europa Central formando atualmente a parte oriental da República Tcheca.

<sup>2</sup> *Cayenne* (Caiena) é a capital da Guiana Francesa. A cidade fica em uma antiga ilha na foz do rio Caiena, na costa atlântica.

Ao tratar do ‘nome e os grupos nominais’, Patte subdivide a seção em:

1) Nomes absolutos e relativos – geralmente os nomes relativos aparecem em uma relação possessiva ou genitiva e os absolutos como autônomos, independentemente de uma relação a outro termo. Entretanto, há casos em que um absoluto pode relativizar-se.

2) O gênero/nome – a categoria gênero/nome se manifesta gramaticalmente entre os determinantes nominais e o elemento nominal que ele determina. A categoria se organiza segundo uma dupla oposição: um termo não-marcado (não-masculino e não-plural) que se opõe ao masculino e ao plural. Aponta a autora que o termo genérico denominado ‘feminino’ se relaciona a seres humanos do sexo feminino ou entidades animadas de sexo não-especificado ou entidades animadas ou não, cujos nomes não estão especificados (p.41). Há alternância vocálica *-i/-o* para distinguir masculino do feminino, sendo pois uma característica marcada em Arawak.

As marcas de plural, aplicadas geralmente a humanos e seres animados, podem ser visualizadas nas páginas 43 e 44.

3) Os dêiticos – a partir de formas básicas: *to*, *li* e *na*, determinantes do nome e pronomes pessoais; respectivamente, feminino, masculino e plural de 3ª pessoa; os Arawak desenvolveram uma série de dêiticos que designam objetos do mundo e os situa na enunciação segundo dois parâmetros: distância e ênfase (mais ou menos enfático). Há uma tabela na p.45 mostrando estas relações.

4) Marcas pessoais – na página 45 estão relacionados os pronomes que são autônomos e uma série de prefixos. Tais marcas pessoais se desenvolvem segundo três pessoas e distinguem singular e plural. Na 3ª pessoa há também a distinção de feminino/masculino e plural. (vide tabela p.45). Os prefixos são ligados à raiz e sua vogal final é influenciada pela vogal inicial da raiz. Eles podem se associar aos nomes relativos, aos verbos ativos e a uma classe de palavras, os *relateurs* ou posições.

5) Modificadores do nome – os Arawak possuem vários marcadores nominais. Segundo a autora, há um primeiro grupo: *ro* (fem.), *li* (masc.) e *na* (pl.) - os dêiticos que designam, substantivizam. Há ainda os nominais de designação *-ro* (fem.), *-li* (masc.) e *-no* (pl.) que são próximos em forma e função aos dêiticos e no enunciado também designam, identificam. *-No* é o nominal de designação plural e se aplica a humanos, como em: *loko* ‘ser humano’ ! *lokono* ‘seres humanos’. O nominal assim constituído rege o grupo nominal que ele forma com o determinante plural *na*: *na lokono* ‘eles, os seres humanos’. Exemplificações podem ser encontradas nas páginas 47 a 49.

Outro grupo de marcadores nominais é formado por *tho* (fem.) e *thi* (masc./pl.), os quais atribuem uma propriedade a uma entidade ou assinalam uma entidade a uma classe (p. 49 a 51). Há também os deverbais *-sa* ~ *-sha*, que a partir de um verbo ativo derivam um nome relativo exprimindo o resultado da ação (exemplos nas p.51 e 52).

6) Nomes de agente, lugar e instrumento – três marcadores nominais a partir de verbos ativos indicam 3 funções nominais (p.53 a 55): i) o agente que tem o hábito de executar uma ação = com utilização de *ârhin*; ii) o lugar onde se desenrola a ação = com a utilização de *nale* (nome do lugar); iii) o instrumento que serve à realização da ação = com a utilização de *koana* (nome de instrumento).

A seção que trata do verbo em Arawak (p.57 a 99) está dividida em subitens gerais: o primeiro trata dos verbos ativos e estativos. Neste item encontram-se diferentes esquemas predicativos em função dos papéis semânticos que os actantes representam na enunciação

(p.59 a 63). Tabelas na página 58 mostram o estatuto do acontecimento em função do conteúdo semântico do verbo e do papel dos actantes que ele supõe. As posições de ‘Índices Pessoais da série A e da série B’, notados respectivamente como *IP A* e *IP B*, permitem reconhecer tais papéis. Os *IP A* são prefixados em relação à base verbal e os *IP B* são clíticos. Na sequência do texto encontra-se um outro subitem referente à morfologia do verbo e a autora observa que o sistema verbal da língua tem vários níveis apresentando um plano lexical e outro gramatical. Segundo ela, diferentes processos derivacionais intervêm na formação dos verbos ativos:

a) o verbalizador *d/tV* forma um verbo ativo: o formador verbal *d/tV* permite derivar um verbo ativo a partir de uma raiz estativa ou um elemento não-verbal (p. 65 e 66);

b) um grande número de verbos é sensível a uma categoria semântica variando a representação do evento. Isso se materializa pela vogal final da base verbal (vogal temática): uma vogal simples diferente de *a* (bases verbais de classe 1) é substituída por *â* na base verbal derivada (classe 2). A diferença mais diretamente observável entre as duas classes se refere à transitividade. As bases verbais de classe 2 evidenciam a ligação entre uma atividade e o agente que é sua fonte; o alvo desta atividade é relegado a um segundo plano e o grau de transitividade é enfraquecido. As bases verbais e representação desses processos são exemplificadas nas p. 68 a 74. Ainda menciona uma raiz verbal em combinação com a sequência *-â-bo* que resulta uma base verbal denotando intensidade;

c) o terceiro processo derivacional é a reduplicação total ou parcial da raiz acompanhada da forma verbal *dV*. Tais formas verbais derivadas por repetição da raiz seguem as mesmas regras dos outros verbos (exemplos encontram-se nas p. 75 e 76);

A autora continua mostrando que cada tipo de base verbal se combina a uma série de marcas para constituir a forma verbal em um enunciado particular. Em relação à flexão, podem receber: i) vogal temática que entra na constituição do tema verbal (p. 77); ii) marcas aspectuais: completivo, cursivo e prospectivo (p.77 a 84); iii) marcas diatéticas: o marcador *oa* modifica o modo de ação de uma forma verbal e exprime que a ação se realiza no benefício próprio do agente e o factitivo (*-kVtV-*) que introduz um novo actante no processo em posição A, um ‘causador’, segundo ela (p. 87 a 97) e iv) marcas de modalidade que demonstram o julgamento do enunciador sobre sua proposição (p. 98 e 99).

Na terceira seção do livro estão relacionadas as ‘Posposições’. A autora aponta que além dos papéis de agente e paciente, os outros participantes são ligados ao novo predicativo pelo que denomina ‘elementos de relação’ ou *relateurs* que, depois dos nomes e dos verbos, formam a terceira categoria lexical da língua Arawak. São chamadas ‘posposições’ porque o *relateur* encontra-se posposto ao elemento que ele relaciona ao restante do enunciado (p. 101). Alguns desses elementos são bastante independentes sintaticamente; outros, por sua vez, formam locução junto a outras palavras. De acordo com a autora, as posposições partilham várias propriedades com os nomes relativos e os verbos ativos, a saber: i) a ordem dos termos – assim como os nomes relativos, seguem o termo que eles determinam através da relação genitiva; ii) da mesma maneira que os verbos ativos, ficam próximos ao agente; iii) as posposições seguem o nome que os rege; iv) os elementos de relação e o que o rege são inseparáveis; v) indicação por um Índice Pessoal da série A que se prefixa a um radical na ausência de um termo nominal. Alguns exemplos podem ser visualizados na p. 101.

Feitas essas observações, Patte inicia uma descrição das posposições em Arawak. Para

tal, divide sua explicação em três subitens básicos: a) as posposições ligadas a actantes; b) a ordem cronológica e os campos semânticos e c) as posposições ligadas à dêixis. No primeiro item trata sobre o sociativo (*le sociatif*) *oma* e o comitativo (*le comitatif*) *abo*, mostrando não só seus posicionamentos dentro da frase, mas também a função sintática e expressões e sentidos que podem formar e tomar quando ocorrem em uma locução.

No segundo item a autora apresenta que os outros participantes que concorrem à representação do evento podem ser classificados segundo parâmetros referentes a seu domínio semântico e situação cronológica relativa ao evento. Divide os domínios em espacial, temporal e nocional. Em cada um deles considera os campos semânticos: i) fonte ou origem; ii) coincidência e iii) destino. Segue-se, então, na identificação do domínio espacial, os casos de Ablativo, Dativo e Alativo; no domínio temporal menciona e exemplifica posposições que indicam anterioridade, simultaneidade e posterioridade (p. 108 e 109). No domínio nocional menciona três relações lógicas: causa, comparação e consequência; as quais cobrem os três estados cronológicos, segundo a autora. Há uma tabela resumindo estas relações na página 112. Por fim, apresenta as posposições ligadas à dêixis, onde são retomados alguns dos *relateurs* ilustrados anteriormente. Para tal, a autora utiliza um sistema ilustrativo de 3 círculos contido uns nos outros. Com esta figura, Patte ilustra a noção de proximidade e distância, indicando que o círculo menor representa o mais próximo e o maior, o mais distante. A visualização é complementada com setas que resumem as posposições que se enquadram em cada círculo e de acordo com cada grau de proximidade/distância; o que se mostra esclarecedor para o leitor.

Depois destas explicações a autora passa à seção intitulada *Faire une phrase* (incluída também na divisão das categorias da língua). Nesta, que parece mais uma divisão a parte, a autora aplica alguns conceitos previamente apresentados nos exemplos até neste ponto do texto e os complementa com outros itens relacionados ao discurso.

Esta seção 'Formar uma frase' está dividida nos seguintes subitens: i) a voz atributiva; ii) a hierarquia dos constituintes; iii) as modalidades de asserção e iv) a partícula enunciativa. Patte inicia definindo 'voz atributiva' como a relação predicativa de uma entidade à qual são atribuídas algumas características: a identificação de uma classe ou elemento; a inclusão de uma classe; a localização espacial ou nocional; ou ainda, a pertinência. Explicita que a voz atributiva se organiza em torno de uma entidade que se apóia na predicação e que apresenta vários esquemas que definem esta entidade por remeter a: i) uma identificação de uma classe, o 'equativo'; ii) uma propriedade, estável ou permanente ou ainda passageira e contingente, o 'descritivo'; iii) uma localização geográfica, o 'situativo'; iv) uma relação de posse ou pertinência que a liga a uma entidade, o 'possessivo'. De acordo com a autora 'equativo' e 'descritivo' mostram "um e o outro"; duas construções concorrentes, portanto. Observa, então, que a questão relativa a essas construções é saber se podem ser consideradas como duas estruturas equivalentes ou se uma delas não corresponde a uma reorganização do conteúdo informativo da outra na ordem pragmática. Vários exemplos sobre tipos de estruturas que podem ser formadas são apresentados entre as páginas 118 e 121.

'Situativo' e 'possessivo' são, segundo a autora, as propriedades comuns onde uma entidade apresenta uma relação predicativa em relação à outra, ou seja, uma suporta a outra. A entidade na base da predicação recebe um tratamento gramatical que nos permite identificá-la como actante B. Assim, no esquema 'situativo', uma entidade é definida por

sua localização no espaço e o predicado constituído de um locativo nominal. Alguns exemplos com o 'localizador' *-n*, o 'completivo' *-ka*, 'localizadores' específicos tais como *roko* e ainda dêiticos espaciais são apresentados nos exemplos de estruturas que se seguem entre as páginas 124 e 126. Já o 'possessivo', segundo a autora, desenvolve duas construções que refletem esquemas conceituais distintos e correspondentes a dois graus de integração da relação genitiva com mais intensidade através do 'dotativo' *ka-* e do privativo' *ma-* e menos com o 'alativo' *âmun*. Várias sentenças exemplificam estas situações nas p.126 até 130.

No segundo subitem desta seção, Patte trata da hierarquia dos constituintes onde apresenta a função predicativa retomando alguns elementos introduzidos anteriormente na seção dos 'nomes' e das 'posposições' apresentando, então, mais detalhadamente o marcador de dependência sintática *-n* presente na forma não-finita dos verbos (um particípio que serve de forma citativa, segundo ela). Assim, quando dois verbos se sucedem na mesma frase, o segundo será assinalado como dependente ou subordinado. Ainda se apresenta muito brevemente como este marcador se associa a verbos de percepção; a uma coordenação serial; a verbos que indicam um processo ou que descrevem uma situação ou circunstância.

No item sobre 'as modalidades de asserção', a autora descreve vários exemplos de estruturas que, de modo geral, expressam negação e interrogação. Menciona brevemente o contorno entoacional da frase que resulta um valor declarativo ou imperativo nas frases em Arawak. Em seguida descreve a injunção e os direcionais e mais uma vez de forma sucinta, os usos da partícula enunciativa *man*, a qual permite realçar um constituinte. Ainda nesta seção, demonstra como se faz uma frase no discurso direto e algumas situações específicas de uso de 'privativos', da 'injunção negativa' e o papel que assumem em alguns contextos. Para finalizar, a autora apresenta as partículas modalizantes: *-koa* (um continuativo); construções freqüentes com *hadia* ('assim'); formas derivadas de *sâ* ('bom, bem') e outras construções modalizantes com a forma *tha* (p. 147 a 150).

Em uma terceira divisão mais geral do livro intitulada *Quelques phrases usuelles*, a autora apresenta uma contribuição para o leitor que quer ter uma visão panorâmica da língua Arawak falada. As páginas 151 a 158 contém exemplos que formam mini-diálogos e frases curtas que podem ser usadas no dia a dia de falantes, além de algumas apresentadas em contextos mais isolados. Infelizmente, Patte não inclui nenhuma observação acerca da origem de tais dados, do contexto sócio-histórico em que foram coletados, métodos, informantes ou de sua forma de coleta.

Segue-se uma outra divisão intitulada *Langue et Culture* na qual se apresenta uma discussão sobre como as noções de língua e cultura tem se relacionado tradicionalmente e historicamente e argumenta sobre a situação do povo Arawak. A autora menciona, entre outros aspectos, o papel dos primeiros estudiosos da língua (como botânicos e farmacologistas); a tradição oral; a organização da sociedade; rituais e festas; organização das famílias e sistema de parentesco e finaliza apresentando o projeto de renovação linguística dos grupos Arawak (que estão conscientes do perigo de extinção de sua língua). Ainda, mais adiante no seu texto, faz uma breve comparação lexical entre itens Arawak, Taíno, Caráibe das ilhas e Guajiro.

Ao final do livro encontra-se ainda uma parte intitulada *Lexiques*, onde são apresentadas duas listas de itens lexicais: a primeira em Arawak-Francês, organizada por

categorias gramaticais; e a segunda em Francês-Arawak (organizada alfabeticamente). Cada lista contém cerca de 500 itens e provavelmente constituem uma parte do dicionário Arawak que está em produção pela mesma autora (conforme referência na p.198).

Também se observam no decorrer do texto alguns asteriscos (\*) em determinadas palavras que indicam que o termo está definido na última parte do livro intitulada *Glossaire linguistique*. Entretanto esse glossário linguístico presente na página 199 é muito curto e apresenta definições terminológicas básicas, sem nenhuma referência teórica utilizada pela autora ou qualquer discussão sobre a preferência de uso de um conceito sobre outro para a descrição da língua Arawak. Esta característica se reflete no decorrer da obra, uma vez que a autora, mesmo apresentando várias informações (mapas, dados em Arawak, alguns conceitos lingüísticos, entre outros), não remete às fontes ou às bases teóricas utilizadas. Seria mais informativo e interessante para o leitor se as referências fossem citadas, pois daria ao mesmo a oportunidade de refletir, questionar e dialogar com o trabalho da pesquisadora. Ainda assim a obra representa uma contribuição aos estudos da língua arawak.

**Kátia Nepomuceno**

Doutoranda IEL/UNICAMP  
e-mail: knpessoa@gmail.com

**Solange Aparecida Gonçalves**

Doutoranda IEL/UNICAMP  
Bolsista CNPq  
e-mail: solangeapg@gmail.com

Recebido 3/2/2010

Aceito 30/4/2010